

## Em busca do maravilhoso americano: a rebelião nos escritos da *Jornada de Omagua e Dorado*

Deise Cristina Schell\*  
Maria Cristina Bohn Martins\*\*

**Resumo:** A *Jornada*, que desceu o rio Amazonas em busca das riquezas e maravilhas do Reino de Omagua e do El Dorado entre 1560 e 1561, faz parte de uma série de viagens que, com o mesmo objetivo, exploraram o interior do Novo Mundo. No entanto, diferentemente das outras expedições de Conquista, esta teve sua finalidade transformada durante o seu percurso: os exploradores, depois de uma série de desavenças internas, declaram-se rebeldes à Coroa Espanhola e ao comando do grupo. Nomes como os de Lope de Aguirre, Pedro de Ursua e Fernando Guzmán compõem o quadro de personagens da expedição que se movimentam num ambiente de conflito, traições e assassinatos. Para melhor compreender os violentos desdobramentos da *Jornada de Omagua e Dorado*, este artigo intenta capturar o universo cognitivo - as visões do “maravilhoso” (Giucci, 1992; Greenblatt, 1993) - dos conquistadores espanhóis e o contexto que envolve a organização da viagem (o vice-reinado Peruano e as guerras civis). Além disto, analisamos a documentação primária da *Jornada* - as *Relaciones* de Pedrarias de Alместo e de Francisco Vázquez, ambos participantes da viagem -, sob a perspectiva dos conceitos de “discursos da rebelião” (Pastor, 1988).

**Palavras-chave:** *Jornada de Omagua e Dorado*, rebelião, Lope de Aguirre.

**Abstract:** “*Omagua and Dorado’s Journey*” along the Amazone river, also known as “*Jornada de Omagua y Dorado*”, is an expedition that left Peru in search of wealth and wonders between 1560 and 1561. It is part of a series of journeys that had the same goal: to explore the New World. However, differently from any other conquering expeditions, the “*Jornada*” had a twist of fate along the way: after a number of disagreements between the conquerors, they declare themselves against the King of Spain and the journey’s leadership. Lope de Aguirre, Pedro de Ursua and Fernando Guzmán are a few of the characters involved in a conflictuous environment, filled with murder and betrayal. To understand what happened in the “*Jornada de Omagua y Dorado*” and what lead to the conquerors’ violent behaviour, this study intends to understand the cognitive universe - the views of “wonder” (Giucci, 1992; Greenblatt, 1993) - of the Spanish conquerors and the context surrounding the journey (the vice-king of Peru and the civil wars) through bibliographic analysis. We have also analyzed the first written documents of the “*Jornada*” – the *Relaciones* (letters) from Pedrarias de Alмест and Francisco Vázquez, who travelled along in the journey – in the view of “discourse of rebellion” (Pastor, 1988).

**Key-words:** *Jornada de Omagua y Dorado*, Omagua and Dorado’s Journey, rebellion, Lope de Aguirre.

---

\* Graduada em História, Bolsista PIBIC/CNPq (Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS)

\*\* Profª Titular dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS)

Nos estudos sobre os processos de conquista, em que se descortinou o Novo Mundo e se deu a apreensão deste desconhecido universo aos olhos do europeu – processo este que Edmundo O'Gorman<sup>1</sup> categorizou como a “invenção da América” –, as viagens ao interior do continente e os relatos gerados a partir delas são de grande importância. Analisadas e pesquisadas com bastante frequência pela historiografia, as imagens e narrativas dos viajantes do século XVI carregam consigo um *imago mundi* sustentado por um imenso acúmulo de impressões, nas quais realidade e imaginário misturam-se. Cristina Pompa observa que "mesmo quando os horizontes oníricos e fantásticos se apagaram, a 'observação' da realidade continuou se dando através da mediação dos esquemas culturais familiares ao observador, mediação esta necessária para organizar e até mesmo para perceber os 'fatos'"<sup>2</sup>.

A imaginação dos primeiros conquistadores que chegaram ao Novo Mundo estava povoada por um vasto elenco de mitos a respeito das riquezas e dos lugares fabulosos a serem descobertos e explorados. Na América, desde o momento em que Cristóvão Colombo vislumbrou as terras que pensava ser as tão sonhadas e opulentas costas asiáticas, as figuras míticas verificadas serão logo relacionadas e identificadas com as "imagens maravilhosas" que já faziam parte do universo cognitivo dos conquistadores.

Em um artigo intitulado "Dos mundos fechados à abertura do mundo", Bartolomé Benassar caracterizará a época que corresponde aos primeiros anos da conquista da América como "a desforra explosiva do imaginário na visão do mundo"<sup>3</sup>. Viajantes, cartógrafos e escritores representarão a Terra e, principalmente a natureza, de maneira cada vez mais exata, mas, contraditoriamente, criarão e recriarão uma série de mitos fantásticos sobre ela e seus habitantes. Beatriz Pastor classificará as narrativas produzidas neste período como "discurso mitificador" que "se caracteriza por levar a cabo una ficcionalización que abarca tanto la realidad del Nuevo Mundo como la naturaleza y el significado del proceso de conquista"<sup>4</sup>. No conjunto dos discursos deste tipo, a autora destaca tanto os textos de Cristóvão Colombo, quanto as Cartas de Hernán Cortés.

Estas extraordinárias representações estarão repertoriadas em diversas lendas correntes no medievo, constituídas de povos estranhos, monstros e paraísos fantásticos, sendo o Oriente e seus impérios formidáveis, a maior ambição dos europeus. Alguns escritos irão corroborar estas "visões", introduzindo novos anseios na busca por terras desconhecidas, e serão as principais fontes de informações dos primeiros conquistadores do Novo Mundo.

Os textos mais importantes no processo de consolidação da representação ocidental do maravilhoso serão os relatos de Pierre d'Ally, Marco Pólo e do Sir John of Mandeville<sup>5</sup>. Em

*Imago Mundi*, publicado entre 1480 e 1483, o cardeal francês Pierre d'Ally (1350-1420) fala de uma Ásia onde se encontram ilhas com ouro, prata e pedras preciosas, além de uma fauna repleta de animais exóticos e míticos. No livro de suas *Viagens* (cuja versão em latim foi lançada em 1485), Pólo relata como fabulosa a grandeza e o luxo do Império Tártaro e do Gran Khan. Beatriz Pastor deixa muito clara a repercussão desta obra que terá 143 manuscritos conhecidos, assinalando que "la importancia cultural de la difusión de este relato fue inmensa"<sup>6</sup>. Já Mandeville informa em suas *Viagens*, escritas em meados do século XIV, uma viagem imaginária ao Oriente e reproduz, entre uma infinidade de prodígios da natureza, como amazonas, antípodas e ciclopes, as riquezas extraordinárias daqueles lugares distantes à Europa.

É desta forma que o maravilhoso, "esta tradição milenar de projeções deslumbrantes que depositava tesouros inconcebíveis nos espaços inexplorados ou semi-explorados que se consideravam afastados do eixo referencial dos europeus"<sup>7</sup>, incentivará decisivamente o processo de exploração da América, tornando-se o objetivo de conquistadores ávidos por riquezas e status. A expansão do território espanhol será levada a cabo sob o signo sedutor dos mitos<sup>8</sup>; mitos que nestas terras terão o ouro e a prata como componentes primordiais, sendo "o fundo do maravilhoso americano, quase exclusivamente, econômico"<sup>9</sup>.

Ao relacionar as lendas européias com os mitos e as tradições indígenas que são noticiadas nas terras americanas, os conquistadores encontrarão no interior do continente americano a região fabulosa que tanto anseiam. É assim que entre os anos de 1530 e 1560 uma série de expedições parte, principalmente, de lugares como Peru, Quito, Nova Granada e Paria rumo às regiões ainda não exploradas do Novo Mundo em busca de objetivos quiméricos. No contexto da conquista do sul da América, a região amazônica será um especial espaço para a criação, reformulação e, até mesmo, para o cancelamento dos mitos que lá os europeus acreditavam existir.

Enquanto no espaço norte americano mitos como os da Fonte da Eterna Juventude e das Sete Cidades Encantadas estimulavam viagens que exploraram, principalmente, a península da Flórida<sup>10</sup>, no sul da América a hipótese da existência de uma região fabulosa situada sobre a franja equinocial no interior do continente, será a base fundamental dos mitos de conquista dos territórios ainda desconhecidos<sup>11</sup>. A Amazônia logo será associada a estes lugares: a prodigiosa natureza, a densa e misteriosa floresta e a sua condição de "margem" do Novo Mundo<sup>12</sup>, serão "alimento para a imaginação coletiva"<sup>13</sup> e para o surgimento de mitos. No entanto, somente no final da década de 1530 que os europeus começaram a dispor de mais

informações sobre estas regiões. Foi a partir deste momento que "os espanhóis formaram a frente pioneira na conquista da Amazônia."<sup>14</sup>

Os mitos incentivarão incríveis expedições de exploração e conquista ao interior da floresta e serão relatados em uma série de narrativas feitas a partir delas; narrativas que serão decisivas para inserir o espaço amazônico no universo cognitivo europeu. Para Neide Godim, será a partir dos escritos dos expedicionários que a Amazônia será "inventada" pelos europeus:

*os expedicionários reencontram e seqüenciam o imaginário dos antigos viajantes, cujas histórias sobre fortunas incríveis - lá Preste João, Grão Khan ou as áreas contíguas ao Éden, aqui o Eldorado, lugar fabuloso e a cidade Manoa das lendárias mulheres guerreiras - estão sempre presentes na invenção da Amazônia.*<sup>15</sup>

Entre as viagens<sup>16</sup> em busca da Amazônia "inventada", uma das mais importantes do período foi a de Gonzalo Pizarro e Francisco de Orellana que partiu de Quito rumo ao *País da Canela* entre os anos de 1541 e 1542, sendo a primeira a percorrer toda a extensão do rio Amazonas. Se o objetivo inicial era localizar a canela, Gaspar de Carvajal - que narra detalhes da viagem em sua *Relación Del Nuevo Descubrimiento Del famoso Rio Grande que Descubrió por Muy Gran Ventura el Capitán Francisco Orellana* - noticia em seu texto o curioso encontro dos expedicionários com as amazonas<sup>17</sup> e a busca por outras riquezas e lugares fabulosos: o *El Dorado*, o País das Esmeraldas, o *Reino de Omagua*, a cidade de Manoa, o Lago Paititi, entre outros<sup>18</sup>. Estas informações realimentam o imaginário dos conquistadores, já que, conforme assegura Juliana Pedro, esta expedição e seus desdobramentos tiveram grande repercussão: "os ecos da viagem, que ganharam força em narrativas orais e escritas, foram marcados pelo maravilhoso e se fizeram presentes em toda a Europa e América"<sup>19</sup>. A expedição de Pizarro e Orellana, contanto com a "certificação" do relato de Carvajal, acaba validando o espaço amazônico como lugar do maravilhoso e incluindo-o de maneira definitiva no imaginário europeu, despertando o interesse de outros conquistadores à região ora desbravada.

Ademais, em 1549 um grande contingente de índios Tupi chega ao Peru. Eles teriam saído do litoral de Pernambuco e atravessado o Nordeste e toda a Amazônia em busca da "terra sem males", trazendo notícias da existência de ricas províncias chamadas *Omagua* e *Dorado*<sup>20</sup>. Carmen Bernand e Serge Gruzinski observam este evento em *História do Novo Mundo*:

*Na mesma época, a nordeste de Cajamarca, na província de Chachapoyas, viram sair da mata cento e cinquenta índios canibais, armados com flechas. Por intérpretes, soube-se que os guerreiros, guaranis avaporus, vinham do Brasil. Eles tinham deixado sua região vários anos antes e atravessado a imensa floresta a pé e de canoa, para seguir seu tupichuariya, seu homem-deus em busca da Terra sem Mal. Muitos se perderam, outros foram parar nos confins do Paraguai, enquanto uma pequena coluna bifurcou para o norte e desembocou no Peru.*<sup>21</sup>

As informações trazidas pelos índios acabaram por complementar os relatos da viagem de Pizarro e Orellana sobre a existência destes lugares fantásticos e abriram novas expectativas e novos interesses aos espanhóis em relação às terras misteriosas do interior da Amazônia. Assim, em 1560, é organizada a *Jornada de Omagua e Dorado*. Sob o comando de Pedro de Ursua, os expedicionários desta viagem que rumava ao Rio Amazonas tinham como primordial objetivo chegar às portentosas terras de *Omagua* e *El Dorado*, tão difundidas no imaginário europeu. Conforme nos contam os cronistas da expedição, os conquistadores, ao não encontrarem as riquezas esperadas, terão o estopim para uma violenta sublevação contra a autoridade da expedição e à própria Coroa Espanhola. Insubordinação que tem fim somente quando os viajantes chegam à terra firme, na Venezuela, e com a morte daquele que, segundo as fontes primárias da viagem, seria o grande traidor: o “tirano” Lope de Aguirre.

A maioria dos estudos e produções literárias e filmográficas sobre a *Jornada* se concentram neste que será um dos seus personagens centrais, identificando-o como principal responsável pela insurgência e pelos atos violentos cometidos e classificando-o ora como “louco/traidor”, ora como “príncipe da liberdade”. Foram produzidas diversas representações acerca da personalidade de Lope de Aguirre, que se confrontam entre “herói” e “tirano”. Na primeira, Aguirre é construído um homem admirável, glorioso e predecessor da independência latino-americana. Na segunda, que se relaciona com as versões oficiais da época da expedição, caracteriza-se o personagem como um homem terrível, sanguinário e cruel. Entre as obras literárias acerca da figura deste expedicionário encontramos: *Lope de Aguirre, príncipe de la libertad*, de Miguel Otero Silva; *Aventura equinoccial de Lope de Aguirre*, de R. J. Sender e *Lope de Aguirre, traidor*, de J. Sanchis S. Além disso, devemos destacar o filme de 1973, *Aguirre, a cólera de Deus (Aguirre, der Zorn Gottes)*, do diretor alemão Werner Herzog, no qual o ator Klaus Kinski interpreta um Aguirre transtornado.

Nas linhas que seguem, pretendemos analisar o que tornou esta expedição tão distinta das outras viagens de descobrimento e conquista. Para além de análises psicológicas dos personagens da *Jornada*, como muitos estudiosos intentaram fazer, acreditamos que é na

reconstrução do contexto histórico que antecede a viagem e na análise dos documentos gerados por ela (as *Relaciones*, como veremos a seguir) que podemos compreender o fracasso de Ursua e as atitudes de Aguirre e dos seus *marañones*<sup>22</sup>.

### **Os primeiros anos do Peru Hispânico: insatisfação e rebeldia**

No Peru, entre o final das guerras civis que dividiram os colonos em pizarristas e amalgristas (a chamada Guerra das Salinas, que durou de 1537 a 1538)<sup>23</sup>, e os levantamentos contra a ordem monárquica de Gonzalo Pizarro (1544 a 1548), de Sebastián de Castilla (1553) e de Francisco Hernández Girón (1554), uma série de mudanças começava a alterar as bases de organização da sociedade colonial. Estas modificações, conduzidas pela Coroa Espanhola, tinham como principal intuito suprimir determinadas liberdades e certos privilégios que alguns conquistadores europeus gozavam na América Hispânica.

Os *encomenderos* formavam então uma casta governante: eles constituíam um grupo de elite minoritário dentre soldados de conquista<sup>24</sup>, que foi recompensado por seus méritos com o direito de se beneficiar do tributo dos índios, em regiões determinadas. Como contrapartida desses *repartimientos* ou *encomiendas*, ficavam obrigados a proteger os indígenas e promover a sua cristianização, o que raramente foi obedecido. Vivendo das rendas produzidas de seus índios, os *encomenderos* tornaram-se os "senhores naturais da terra"<sup>25</sup>, formaram amplos domínios e eram extremamente influentes, como corroboram Carmen Bernand e Serge Gruzinski:

*Os encomenderos representavam a nova aristocracia do país; eram considerados como 'senhores vassalos', principalmente se, às suas prebendas recentemente adquiridas, acrescentavam a honra de pertencer a uma casa nobre, como Sebastián Garcilaso de la Vega, que chegara ao Peru junto com Pedro de Alvarado. Os filhos herdavam as encomiendas de seus pais; as viúvas também, com a condição de se casarem de novo. Nesse caso, as prerrogativas das quais gozava o falecido eram transferidas para o novo esposo.*<sup>26</sup>

Enquanto na América estes colonos tentavam transformar-se em uma "nobreza hereditária no estilo europeu"<sup>27</sup>, na Espanha o autor da *Brevísima Relación de la Destrucción de las Indias*, Frei Bartolomeu de Las Casas, esmerava-se em denunciar as crueldades cometidas pelos espanhóis contra os indígenas e apontava o regime da *encomienda* como o elemento principal dos males que se abatiam sobre aquelas populações. Segundo William Prescott, o imperador Carlos V ficara impressionado com o manuscrito de Las Casas e, para alterar aquela situação, reuniu uma junta em Valladolid composta por consultores jurídicos e

teólogos. Esta junta, da qual o próprio Las Casas participou, tinha como objetivo formalizar um novo sistema legislativo para as colônias<sup>28</sup>.

A decretação das Novas Leis ou *Leyes Nuevas* em 1542, e a implementação do aparelho administrativo espanhol no Peru, com seus Tribunais Superiores - as Audiências - e os Vice-Reinados<sup>29</sup>, foram as formas que a Coroa encontrou para pôr fim aos privilégios dos conquistadores e diminuir o grau de controle praticado pelos *encomenderos*, tanto sob os índios, quanto no que tange ao exercício do poder político na colônia. A partir deste novo código, as *encomiendas* deveriam voltar para a jurisdição da Coroa quando da morte de seus beneficiários, acabando com a perpetuidade destes bens. Além disto, os índios não poderiam ser submetidos ao trabalho obrigatório, devendo receber salário. Na redação das *Leyes Nuevas* constam as seguintes palavras (duras, aos ouvidos dos *encomenderos*):

*que de aquí en adelante Ningún Viso-Rey, governador, audiencia, descubridor, no otra persona alguna no pueda encomendar yndios por nueva provisión ni por Renunciación ni donación ni venta ni otra cualquier forma o modo ni por vacación ni herencia, sino que muriendo la persona que tuviere los dichos yndios, sean puestos en nuestra Real corona y las audiencias tengan cargo de ynformar luego particularmente de la persona que murió y de la calidad della y sus méritos y servicios y de cómo trató los dichos yndios que tenía y si dexó Muger, Hijos o que otros herederos, y no enbien la Relación, y de la calidad de los yndios y de la tierra, para que nos mandemos proveer a la tal muxer e hijos algún sustentamiento, lo puedan hacer de los tributos que pagaren los dichos yndios dándoles alguna moderada cantidad estando los yndios en nuestra corona como dicho es.*<sup>30</sup>

Ainda, conforme Bernand e Gruzinski, "no Peru, a nova legislação previa a supressão de todos os *repartimientos* daqueles que participaram das *banderías* dos Pizarro e Almagro"<sup>31</sup>. Esta resolução afetava grande parte dos conquistadores, já que eram poucos os que ficaram de fora das lutas da Guerra das Salinas.

Para garantir a aplicação das leis que afetariam a tantos interesses e gerariam tantos protestos, a Coroa nomeou funcionários capacitados<sup>32</sup>: Blasco Nuñez de Vela foi escolhido o primeiro vice-rei do Peru e chegou ao Novo Mundo obstinado em empregar as novas ordenações. No entanto, ao fazê-lo encontrou ampla resistência. Os colonos estavam indignados com o fim dos privilégios já obtidos e com o não recebimento de recompensas, alegando os inestimáveis serviços que haviam prestado à Coroa Espanhola na conquista da América.

É neste cenário que ocorrerão uma série de rebeliões, das quais a mais importante foi, sem dúvida, a que liderou Gonzalo Pizarro em defesa dos descontentes conquistadores entre

os anos de 1544 e 1545. Uma rebelião que, em princípio, tinha como objetivo a suspensão da aplicação das Novas Leis, mas cujo caráter subversivo ameaçava o pilar central da ordem social e política, representado pelo rei<sup>33</sup>. Ou seja, a insubordinação do grupo de Pizarro ultrapassava o caráter meramente reivindicatório para se tornar secessionista, o que preocupava terrivelmente a monarquia. Relatam Bernand e Gruzinski que "quando as notícias da insurreição de Gonzalo Pizarro chegaram em Flandres, o imperador preocupou-se, pois nunca, nem mesmo na época das *comunidades*, ninguém ousara enfrentar sua autoridade nem contestar sua legitimidade"<sup>34</sup>.

Gonzalo Pizarro gozava de grande popularidade e era apoiado não só pelos *encomenderos*, mas também por todos aqueles que sonhavam receber um *repartimiento*. Após a primeira derrota da Coroa Espanhola, na qual Blasco Nuñez foi executado pelas hostes de Pizarro na batalha de Añaquito em 1546, Carlos V envia para Lima como licenciado, e para acabar com aquela situação no vice-reinado, um homem da Igreja, cuja habilidade era muito elogiada. Pedro de La Gasca consegue de fato derrotar Pizarro e executá-lo em 1548, porque, segundo J. H. Elliott, "era acima de tudo um político, com habilidade para explorar as divisões dentro da comunidade do conquistador, entre os *encomenderos* e os soldados de infantaria que cobiçavam suas posses"<sup>35</sup>.

Além dos problemas já existentes entre os conquistadores, após a vitória da Coroa Espanhola sob Pizarro e sua tropa de rebeldes, surge mais um motivo de insatisfação: os homens que haviam reforçado o exército de Pedro de La Gasca exigiam agora as suas recompensas, mas foram beneficiados somente 220 colonos. Paradoxalmente, os seguidores de Gonzalo Pizarro foram os mais recompensados, em detrimento dos que haviam sido leais a de La Gasca. Afirma Ortiz de la Tabla que, desta forma, "se estaba sentando el precedente de contentar a los revoltosos ya que los pacíficos eran menos temibles. El mismo reconocía que aunque estuviese veinte años en Perú, no terminaría de atender las peticiones de gente que esperaban por encomiendas"<sup>36</sup>. Pela ineficiência do governo em resolver a situação dos conquistadores em uma sociedade em que o descontentamento com o poder central era generalizado, nos anos subsequentes seguiram ocorrendo rebeliões, conforme afirma Salmoral:

*Es cierto que el reino estaba en difícil situación: excesiva amplitud del territorio, descontento de muchos por el reparto de encomiendas de La Gasca, soldados de fortuna dispuestos a cualquier aventura de armas, abusos sobre los indígenas, coletazos aún de las guerras civiles, prepotencia de los encomenderos, etc., todo lo cual hacía un país difícilmente gobernable.*<sup>37</sup>

Entre os anos de 1553 e 1554 ocorrem as insurreições comandadas por Don Sebastián de Castilla e por Francisco Hernández Girón. Mesmo que tivesse havido castigos exemplares aos revoltosos - chegando parte deles a sofrerem com pena capital -, também foi concedido perdão a alguns dos participantes destas rebeliões. Alguns notórios seguidores de Castilla e Girón seguiram ostentando seus cargos proeminentes, suas *encomiendas* e seu prestígio, enquanto os que haviam participado da pacificação, ao lado da Coroa, ainda esperavam por *mercedes* <sup>38</sup>.

Mesmo com o fim das guerras civis em 1554, permanecia a impaciência dos conquistadores em relação às autoridades, cujo prestígio decaía vertiginosamente. Para contornar esta situação, foi eleito um novo vice-rei conhecido por ser um eficaz e enérgico governante e que iria exercer o seu cargo desde 1556 até 1560: Andrés Hurtado de Mendonza, o Marquês de Cañete. O novo vice-rei, "cercado por uma corte de aristocratas espanhóis, desconfiava dos conquistadores, que ele supunha alimentarem uma hostilidade surda contra a Coroa" <sup>39</sup> e, por isso, procurou ter firme atitude para assegurar a autoridade no vice-reinado. Para este feito, promoveu desterros à Espanha de opositores que criticavam o não-recebimento de *encomiendas* e *mercedes*, censurou o *corregidor* de Cuzco por sua complacência em relação aos rebeldes, investigou e castigou a alguns culpados das insurgências passadas, caçou os benefícios de homens ricos e influentes do Peru que haviam participado dos bandos rebeldes, entre diversas outras ações. Ortiz de la Tabla explicita que Cañete,

*investido con la máxima autoridad, "alter ego" del Rey, enérgico y eficaz y perteneciente a la rancia aristocracia castellana, no tuvo empacho en castigar a algunos de los más poderosos hombres del Perú pese a su predicamento, fuerza y prestigio en el virreinato, como primeros conquistadores y ricos encomenderos.* <sup>40</sup>

Além da insatisfação dos *encomenderos* e de homens influentes do território peruano com a Coroa Espanhola, outra questão tornava ainda mais complexa esta conjuntura: na segunda metade do século XVI, o vice-reinado do Peru abrigava, segundo Salmoral, cerca de 6.500 homens "dispostos a qualquer tumulto" <sup>41</sup>; ou seja, conquistadores que estavam sem ofício e que não haviam sido remunerados e nem atendidos pela Coroa em seus anseios, sentindo-se excluídos do pequeno círculo de privilegiados que se formara. Os dados que constavam nos documentos que Marquês de Cañete - o vice-rei indicado para remediar a situação - obtivera para se informar eram alarmantes: conforme eles havia no Peru "unos

8.000 espanhóis de los cuales sólo 480 ó 500 poseían repartimientos; otros 1.000 disfrutaban de algún cargo de distinta categoría y sueldo y los demás no tenían que comer"<sup>42</sup>.

A solução encontrada por Cañete para dar saída a homens ociosos e descontentes, foi formar uma série de expedições de conquista para diversas regiões da América, medida que Salmoral chamará de "operaciones de descarga"<sup>43</sup>. Esta resolução parece bastante comum naqueles tempos. O cronista Augustín de Zárate já havia referido sobre o seu uso após a Guerra das Salinas, descrevendo as razões e os mecanismos desta prática, quando do envio de certo capitão Pedro de Candia e trezentos homens, em uma empresa que intentava riquezas:

*Y porque vido que no tenía posibilidad de satisfacer los que le habían servido, porque cada uno pensaba que con darle toda la gobernación no quedaba pagado, acordó de deshacer el ejército enviando a la gente a nuevos descubrimientos de los que ya se tenía noticia, con lo cual hacía dos cosas: la una remunerar a sus amigos, y a la otra desterrar sus enemigos. Y así envió al capitán Pedro de Candia con trescientos hombres suyos y de los de don Diego para que entrase a cierta conquista de cuya riqueza se tenía mucha fama.*<sup>44</sup>

Em 1553, o então vice-rei don Luis de Velasco e vários funcionários reais haviam proposto ao monarca a conveniência de fomentar as campanhas de exploração para dar saída a tantos "descontentos y desaigarrados"<sup>45</sup>. Anos mais tarde, em 1605, Felipe III fará a mesma recomendação<sup>46</sup>, ainda que àquela época já fosse escassa a possibilidade de obter sucesso nestas empresas.

Entre as campanhas promovidas pelo vice-rei marquês de Cañete, estavam as companhias de *Gentiles Hombres de Lanzas y de los Arcabuces*, e as expedições de pacificação enviadas ao Chile em 1557, dirigidas por seu próprio filho, Don García Hurtado Mendonza<sup>47</sup>. A partir deste ano, Cañete concederia uma série de licenças para novas expedições de descobrimento e conquista, enviadas a distintas regiões inexploradas da América. Uma destas viagens será a *Jornada de Omagua e Dorado*, cuja organização e comando serão destinados ao governador Pedro de Ursua:

*En el año de 1559 siendo virrey y presidente del Perú el Marqués de Cañete, tuvo noticia de ciertas provincias que llaman Amagua y Dorado y con deseo de servir a Dios y a su Rey, encomendó y dio poderes muy bastantes a un Caballero amigo suyo llamado Pedro de Ursua, natural navarro, para que fuese a descubrir las dichas provincias, y le nombró por Gobernador dellas, y le favoreció con dineros de la casa real.*<sup>48</sup>

Assim é iniciada a organização de mais uma empresa destinada à região da Amazônia, que pretendia descer o Rio que chamavam "Marañón" partindo de seus afluentes no Peru,

para chegar até as ricas terras de *Omagua e Dorado*. É importante ressaltar que a maioria das companhias espanholas de conquista foram conformadas da mesma maneira: a Coroa concedia "la exclusiva de una empresa a un particular, o particulares, por medio de una capitulación"<sup>49</sup>. A partir daí o concessionário - que no caso da *Jornada* era Pedro de Ursua – se tornava o chefe da futura expedição e era encarregado da organização e da captação de recursos, financeiros e humanos, para a sua realização. Como vemos no trecho da *relación* de Francisco Vasquez destacado acima, o vice-rei favoreceu a *Jornada* “con dineros de la casa real”; isto ocorreu porque o financiamento das companhias, na maioria das vezes, se dava a partir da participação conjunta do Estado e de empresas privadas.

Desta forma, em 1559, Ursua publica suas *provisiones* "por todo el Pirú y otras partes"<sup>50</sup>, começando a busca por financiamento para a viagem, recrutamento de participantes, construção dos barcos, entre outras providências. Segundo os relatos de Francisco Vázquez e Pedrarias de Alместo, Ursua teve grande dificuldade em financiar a sua expedição, estando em determinado momento a ponto de desistir da *Jornada*. Além dos problemas para conseguir investidores privados, os recursos vindos do vice-reinado diminuía: uma notícia proveniente da Espanha informava que a Coroa desejava novamente substituir o vice-rei do Peru e, por esta razão, Cañete já não concedia tantas *mercedes* e favores como no princípio. Mesmo assim, "todo este tiempo anduvo Pedro de Orsúa por el Pirú sin volver a su astillero, buscando gente y dineros para se acabar de aviar; y entre algunas personas le prestaron algunos a mil y otros a dos mil pesos y otros más y menos"<sup>51</sup>.

Paralelamente ao dinheiro obtido através das *Cajas Reales*, a maioria dos que investiram seus bens na *Jornada de Omagua e Dorado* foram os seus próprios expedicionários. O cronista Zúñiga, por exemplo, contribuiu com três cavalos e 2.000 pesos, enquanto outros gastaram toda a sua *hacienda*<sup>52</sup>. Com o objetivo de enriquecer e obter notoriedade, estes homens deixam tudo para trás e embarcam na aventura concretizada por Ursua. Para Beatriz Pastor este será um elemento problemático relacionado à organização econômica da expedição:

*Los conquistadores iniciaban la expedición cargados de deudas contraídas al pagar el equipo necesario para su participación en la empresa. El fracaso de ésta implicaba, además de la decepción que resultaba de la inexistencia de los objetivos maravillosos, la quiebra total y la imposibilidad de participar en otra intentona de descubrimiento de cualquier objetivo mítico que prometiera solucionar definitivamente la desesperada situación económica.*<sup>53</sup>

Em fins de setembro de 1560, após uma longa e difícil organização, Ursua consegue reunir e embarcar, além de dois bergantins, sete chatas, vinte balsas, um sem-número de canoas e mil porcos<sup>54</sup>, "unos 300 soldados, 20 ó 30 negros, 600 indios y numerosos yanaconas de servicio"<sup>55</sup>. Este heterogêneo grupo de expedicionários, denominados *marañones*, e de quem se sabe muito pouco, começará uma viagem cujos objetivos - o Omagua e o *El Dorado* - logo serão frustrados. Os resultados não serão as esperadas riquezas, mas uma grande rebelião concretizada na insubordinação ao comando do grupo e na subversão contra a ordem monárquica.

A partir de agora, iremos de encontro a um novo discurso formulado no âmbito da Conquista Espanhola; discurso no qual desaparecerão todos os mitos - o dos lugares fantásticos ou o do conquistador -, as dificuldades e o ambiente serão insuportáveis e a insubordinação à ordem monárquica será um dos elementos centrais.

### **O "discurso de rebelião" e as narrativas da *Jornada***

As *Relaciones da Jornada de Omagua e Dorado* são escritos muito peculiares entre os diversos tipos de discursos produzidos pelos conquistadores europeus na América do século XVI. Como veremos, elas apresentarão novos elementos em meio às narrativas daquele período, representando, tanto os acontecimentos da *Jornada* - em um ambiente de violência, traições e assassinatos -, quanto os seus personagens e cristalizando estas representações como "verdades" quase incontestáveis. Propomo-nos aqui a analisar esta documentação primária a respeito da expedição comandada por Pedro de Ursua, a fim de identificar de que forma elas acabaram construindo a memória sobre este singular evento dentro do âmbito da Conquista do Novo Mundo.

Em meio a tantos outros documentos produzidos durante a conquista - entre cartas, mapas, crônicas, histórias, notícias, descrições, informes e diários -, um tipo discursivo irá se firmar como um "punto de convergencia de la epístola y el documento legal"<sup>56</sup>: são as cartas de *relación*. Elas narram, assim como as epístolas, variados aspectos da realidade e descrevem ações e comportamentos, trazendo o ponto de vista de seu autor. No entanto, diferentemente das cartas pessoais, pretendem ser um documento legal, devendo o escritor, assim, estar comprometido com a veracidade do narrado. Walter Mignolo (1992), em estudo que analisa três tipos discursivos relativos à Conquista Espanhola (*cartas relatorias, relaciones* e crônicas), acentua o sentido "oficial" das *Relaciones*. Segundo ele, este vocábulo terá, no século XVI, o sentido de "la narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió"<sup>57</sup>.

Já no contexto do grupo de textos que se denomina as *relaciones de la conquista e la colonización*, tem o sentido de "relato/informe solicitado por la Corona"<sup>58</sup>, tendo em vista que os escritos de viagem eram uma ordenação da autoridade espanhola:

*Dado principio al viagem por mar ó tierra, comiecen los descubridores á hacer memoria y descripcion por dias do que lo vieren, hallaren y aconteciere en todo lo descubierto, y habiéndole escrito en un libro, se lea en público cada dia delante de los que fueren á la faccion porque mejor se averigüe la verdad, y firmado de alguno de los principales, guarden el libro con mucho cuidado, para que quando vuelvan lo presenten en nuestro Consejo ó Audiencia donde han de dar cuenta de lo capitulado.*<sup>59</sup>

As narrativas originadas da *Jornada de Omagua e Dorado*, ao contrário da recomendação da Coroa, não foram produzidas ao longo da viagem; tampouco os seus autores foram destacados para esta função. Este é o caso da documentação que estudaremos nesta ocasião: as *relaciones* de Francisco Vázquez e a de Pedrarias de Alместo<sup>60</sup>. Embora não se inscrevam no sentido mais estrito de "relato/informe solicitado por la Corona", como categorizou Mignolo, ambos os textos tem o intuito de "narrar ou informar algo que aconteceu" em uma iniciativa de seus próprios autores, que pretendiam isentar-se da culpa dos atos de violência e de traição à Coroa Espanhola, ocorridos no trajeto da viagem<sup>61</sup>. Segundo Beatriz Pastor, os autores das *relaciones* da *Jornada*, ao retratar esta atmosfera de amotinamento, acabarão formulando o que ela chama de "discurso da rebelião". Este "discurso", ainda segundo a autora, tem uma função muito clara:

*neutralizar una actuación personal cuestionable o equivocada. Se trata de reafirmar la lealtad incondicional al rey y de demostrar la propia inocencia ante cualquier posible acusación de complicidad o participación en las acciones que ésta sustentaba.*<sup>62</sup>

É assim que, talvez na tentativa de tornar "oficiais" as suas versões, e de garantir a credulidade de sua narração perante o seu destinatário, tanto o texto de Vázquez quanto o de Alместo são iniciados com a expressão "*Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua e Dorado*". Segundo Martins,

*a escrita nos moldes deste tipo discursivo deveria ser penhor de objetividade e da natureza documental do testemunho, avalizando a veracidade e imparcialidade da mensagem que portava. A esta garantia implícita da natureza veraz indicada na utilização da forma oficial de Relação, costumava estar associada, ainda, a utilização recorrente do termo "verdadeira".*<sup>63</sup>

Muito além do julgamento entre o "verdadeiro" e o "fictício", entendemos que para uma boa leitura desta documentação é necessário, segundo nos diz Juliana Pedro, "identificar

a razão da escolha que faz o viajante-narrador do que é digno de ser considerado e descrito"<sup>64</sup>. Tendo em vista a função das *Relaciones* da *Jornada*, e para desvendar quais foram as escolhas - e as razões desta eleição - de seus autores, achamos necessário identificar quais as características do conceito de "discurso da rebelião", de Beatriz Pastor (1988), relacionando-o com os escritos de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Almesto<sup>65</sup>.

A análise de Beatriz Pastor dos "discursos narrativos da conquista" se dá através da caracterização de três principais tipos de textos que serão desenvolvidos pelos espanhóis em diferentes etapas do processo de exploração da América. Estes escritos marcarão e darão significado à gradativa transformação do conquistador, a alteração de sua percepção da América e de sua visão de mundo<sup>66</sup>.

Desta maneira, os primeiros discursos da Conquista, formulados nos relatos de Cristóvão Colombo e Hernán Cortés, formarão o que a autora chama de "discurso mitificador". Através dele são criados uma série de mitos e modelos, que pouco tem relação com a realidade vivenciada no Novo Mundo. Como já falamos do imaginário do "maravilhoso" criado pelos espanhóis a respeito dos lugares inexplorados da América, nos interessarão agora os modelos fundamentais do herói-conquistador, expressos, principalmente, nas cartas *relación* de Cortés. Nelas, o autor se representa de maneira a se converter em um mito, desprovido de qualquer forma de vulnerabilidade ou conflito: "era la representación humana, sin contradicciones, del orden ideológico y político que su acción pretendía expandir y glorificar"<sup>67</sup>. O discurso de Hernán Cortés, desta forma, aparece ligado aos padrões éticos da cavalaria medieval, no qual ele reafirma, em diversos momentos, a sua premissa de "hidalgo" honrado e cortês, sempre preocupado em preservar a sua lealdade, a sua palavra e o seu heroísmo<sup>68</sup>.

No entanto, os questionamentos e a desconstrução destes mitos e modelos não tardam a acontecer nas narrativas sobre Conquista. O distanciamento crítico do "discurso mitificador" se dá através do desengano e da decepção causados no decorrer das expedições com objetivos míticos de exploração e conquista do Norte do continente americano. Eles estão expressos, principalmente, nos textos de Álvaro Nuñez Cabeza de Vaca, aos quais a autora Beatriz Pastor (1988) denomina os "discursos do fracasso". Mesmo que, como já salientamos anteriormente, o processo de criação e de reformulação dos mitos incentive novos projetos de exploração de lugares fabulosos, a crise e a liquidação simbólica destes modelos acaba se consumando nos textos do "discurso de rebelião".

É aí que, finalmente, chegamos às *Relaciones* de Francisco Vázquez e de Pedrarias de Almesto sobre a *Jornada de Omagua e Dorado*. Mesmo que os iniciais objetivos míticos da viagem apareçam no princípio destes textos, eles logo desaparecem e são substituídos pela representação de uma insuportável realidade cotidiana da expedição. A fome, a natureza hostil que se apresenta e a brutalidade das relações humanas entre os membros da expedição, serão os fatores primordiais para que o modelo épico da ação conquistadora, tão utilizado no "discurso mitificador", perca totalmente o significado.

O ambiente desfavorável é enfatizado em diversos trechos das *Relaciones*, deixando muito claras as péssimas condições da viagem e a desesperação de seus participantes. Podemos notar que a experiência da *Jornada* "cancela cualquier posibilidad de fantasear sobre hipotéticos objetivos maravillosos, empujando a los hombres a la rebelión"<sup>69</sup>. No texto de Pedrarias de Almesto, diversas passagens revelam a fome e a dificuldade dos expedicionários em encontrar comida: "(...) pasaron gran necesidad por el despoblado, tanto que pensaron perescer de hambre (...)"<sup>70</sup>; "(...) duró la pesquería poco, y entramos en el despoblado muy desapercibidos de comida y bien descuidados (...)"<sup>71</sup>; "en este tiempo pasamos gran hambre, porque no hallamos en este asiento más de la yuca brava de las sementeras"<sup>72</sup>. "(...) y padescíamos todos necesidad de comida (...)"<sup>73</sup>. Segundo o relato dos cronistas, não há nada no Rio Amazonas, o *Marañon*, que se possa relacionar com os lugares maravilhosos com os quais almejavam, inicialmente, encontrar. Ele é descrito de forma que se acentuem somente os aspectos tidos como negativos pelos conquistadores, como as cheias, os mosquitos e o calor:

*(...) hay en él tanta cantidad de mosquitos, especialmente de los zancudos de noche y día, que es temeridad ver que los sufran los naturales. (...) de allí para abajo nos llovió mucho y vienen grandes aguaceros con muchos truenos, y ordinariamente con tanto viento que causa en el río gran tormenta de olas mayores que en la mar, que anegan las canoas o piraguas si no cogiesen con tiempo el abrigo de la tierra, y aun en los bergatines nos vimos algunas veces en harto peligro, especialmente una noche que nos pensamos anegar. (...) Es todo el río muy caliente en demasía, enfermo y mal poblado (...)* No vimos en todo el río oro ni plata (...)<sup>74</sup>

Diferentemente dos textos do "discurso mitificador", nos quais a violência sempre estava dirigida contra um grupo oposto aos espanhóis, sendo considerada necessária - e natural - para o projeto de conquista dos indígenas, no "discurso de rebelião" a violência aparece instaurada entre os próprios conquistadores. Para Pastor, no contexto deste discurso narrativo, "la violencia expresa la imposibilidad del pacto, del compromiso y de cualquier forma de lealtad, entro de un orden en el que todas las relaciones aparecen alienadas y

corrompidas"<sup>75</sup>. A morte do governador Pedro de Ursua é a primeira demonstração de violência e de traição que aparece nas *Relaciones* que, a partir daí, se concentrarão em relatar a mudança do objetivo mítico para um objetivo secessionista. O descontentamento generalizado instala distintas formas de indisciplina, violência e amotinamento, ações opostas ao modelo cortês e de solidariedade tantas vezes atribuído aos espanhóis em escritos do início da Conquista, especialmente nos de Hernán Cortez.

Os novos objetivos delimitados pelos expedicionários após o assassinato de Ursua - retornar ao Peru e conquistar o vice-reinado - logo surgem no texto de Pedrarias de Alместo e de Francisco Vázquez. À conseqüente eleição de Don Fernando de Guzmán como comandante da *Jornada*, se seguem diversos atos que demonstram a infidelidade dos conquistadores em relação à Coroa Espanhola. Em uma fala atribuída a Lope de Aguirre, a traição ao rei D. Felipe e o desejo de re-conquistar as posses espanholas na América, ficam muito nítidos. Segundo Alместo, Aguirre teria dito as seguintes palavras ao "nomear" Guzmán como novo Príncipe a ser reverenciado:

*que para que la guerra llevase mejor fundamento y más autoridad, convenía que hiciesen y tuviesen por su Príncipe a D. Fernando Guzmán desde entonces, para le coronar por Rey en llegando al Pirú, y que para hacer esto era menester que se desnaturasen de los reinos de España, y negasen el vasallaje que debían al rey D. Felipe, y que él desde allí decía que no le conocía ni le había visto, no quería ni le tenía por Rey, y que elegía y tenía por su Príncipe y Rey natural a D. Fernando de Guzmán, y como a tal le iba a besar la mano, y que todos le siguiesen y hiciesen lo mismo.*<sup>76</sup>

Vemos que, nesta narrativa, em determinado momento da expedição é apresentado um projeto muito claro de insubordinação à autoridade real, de ruptura da relação de vassalagem: um projeto de emancipação do Peru e de estabelecimento de uma monarquia independente no território emancipado. A formulação destas idéias irá acirrar ainda mais o quadro da rebelião, implicando "la liquidación del modelo político centralizado en la figura del rey"<sup>77</sup>.

É importante ressaltar que, para os estudiosos do período colonial americano, a cultura dos europeus que se aventuravam pelo Novo Mundo durante as primeiras décadas da conquista se caracterizava, como destaca Greenblatt, "por uma confiança absoluta na própria centralidade, por uma organização política baseada nos princípios do comando e da submissão"<sup>78</sup> e, desta forma, por uma fidelidade incondicional ao Rei. Desta maneira, e ainda segundo a historiografia, o desejo de servir a Deus e à monarquia eram os ideais de serviço que orientava qualquer conquistador, seja na organização de uma expedição de conquista, na construção de uma aldeia, na colonização de uma região ou nas medidas tomadas por oficiais

da Coroa relativas à organização da Colônia<sup>79</sup>. Para Amado Cervo, este "desejo de servir" seria uma "vontade unânime" do povo espanhol, por estar ligado aos seus melhores sentimentos de honra:

*Se os espanhóis hesitam quanto à escolha dos meios, se eles se separam por vezes na escolha dos objetivos concretos, se buscam a interpretação que melhor se adapta a seus interesses particulares, contudo nunca pensaram em negar o desejo de servir a Deus e a S. M. que levavam, no fundo de sua alma, ao se lançarem pela rota oceânica rumo à América.<sup>80</sup>*

Tanto as já citadas rebeliões ocorridas no Peru - como a liderada por Gonzalo Pizarro - quanto esta realizada por Lope de Aguirre e seu grupo em meio a uma viagem ao Rio Amazonas, todas com caráter secessionista, devem ser consideradas, desta forma, uma negação, ou ao menos, uma relativização da noção de incondicional subserviência à monarquia espanhola atribuída aos colonos. A deslealdade à Coroa cometida pelos conquistadores nestes eventos, deve servir, portanto, para matizar a noção geral de lealdade, e não ser considerada uma exceção, como o fazem muitos estudiosos<sup>81</sup>.

A lealdade ou infidelidade à Coroa será um tema de grande importância nas *relaciones* de Vázquez e Alместo e estará presente na maior parte destes escritos, balizando o julgamento das ações dos expedicionários. A liquidação do modelo cortês do conquistador fará com que apareça a figura do rebelde, e os autores dos relatos não pouparão esforços em caracterizar os amotinados de maneira negativa, com o objetivo de demonstrar o seu repúdio e a sua condenação à rebelião e seus participantes. O "discurso de rebelião" será, portanto, marcado por estas representações, que encarnam uma mudança primordial nas narrativas da Conquista Espanhola:

*el orden épico ha sido substituido por el caos del terror: la armonía, por el conflicto; la unidad, por la división; la justicia, por la arbitrariedad; la obediencia, por la indisciplina; y la conquista por la sedición, en una nueva representación de la realidad fragmentada y conflictiva de la conquista. Esta ya no aparece presidida por el mito del guerrero-vasallo-cristiano sino por la problemática figura de un traidor que se define por el rechazo global de cualquier forma de aceptación o compromiso con el orden ideológico, político y social que preside y encarna simbólicamente la figura del rey.<sup>82</sup>*

### **Considerações Finais**

Por ora, podemos perceber que, ao contrário do que intentam convencer os cronistas que relataram a *Jornada de Omagua e Dorado*, as ações de Lope de Aguirre não podem ser apreendidas como uma exceção no âmbito da Conquista Espanhola. Vimos que o comportamento violento deste personagem e do seu grupo rebelde não está desligado do seu

contexto histórico; um contexto em que a insubordinação eram correntes, expressos em diversas rebeliões em um Peru repleto de homens insatisfeitos com os rumos e as medidas que tomava a Coroa na colonização da América.

Se, de um lado, o imaginário repleto de imagens “maravilhosas” que os europeus tinham dos lugares ignotos impulsionara a conquista e a exploração do Novo Mundo, incentivando uma série de viagens ao interior do continente, de outro a desilusão com os recorrentes fracassos na insaciável busca dos conquistadores por riquezas aumentava no decorrer do processo. Assim como se malogravam os viajantes, também era frustrante a perspectiva dos colonos que se estabeleciam na América. Junto ao não-enriquecimento esperado, diversas medidas da Coroa Espanhola retiravam os privilégios do minoritário grupo que os detinha e uma multidão cada vez maior de desocupados exigia a sua prometida contrapartida na empresa de<sup>83</sup> Conquista.

As violentas ações e a infidelidade à monarquia, expressas durante a *Jornada*, talvez sejam o extravaso da dura realidade que se mostrava a esses espanhóis que se arriscaram no Novo Mundo; e já que os prometidos e opulentos reinos de *Omagua* e de *El Dorado* custavam a serem encontrados durante a expedição, a insubordinação ganhava ainda mais gravidade. Aqui é também importante ressaltar que nas ações dos rebeldes aparecem condensadas e intensificadas todas as formas de violência características do período da Conquista, tão presentes nas rebeliões ocorridas antes da expedição.

---

## NOTAS

1 O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. 218 p.

2 POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru, SP: EDUSC, 2003, p. 35.

3 BENASSAR, Bartolomé. *Dos Mundos fechados à abertura do mundo*. In: NOVAES, Aauto (org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 80.

4 PASTOR, Beatriz. *Discursos narrativos de la conquista: mitificación y emergencia*. Hannover: Ediciones del Norte, 1988, p. 4.

5 GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 87.

6 PASTOR, op. cit., p. 10.

7 GIUCCI, op. cit., p. 13.

8 PASTOR, op. cit., p. 217.

9 GIUCCI, op. cit., p. 13.

10 Desde a expedição de Ponce de León (1512), Hernando de Soto (1538), Diego Miruelo (1516), Hernández de Córdoba (1517), Alvares de Pineda e Lucas Vásquez de Ayllón (1526) e Panfilo de Narváez (1527), a conquista espanhola da Flórida é considerada um fracasso. O "discurso do fracasso", do qual a mais famosa narrativa é o relato de Cabeza de Vaca sobre a expedição de Narváez à Flórida, se caracteriza pela aparição do desengano e pelo primeiro distanciamento crítico em relação aos discursos mitificadores dos primeiros tempos da Conquista. Ver em: PASTOR, op. cit.; GIUCCI, op. cit.

11 PASTOR, op. cit., p. 258.

12 Segundo Ugarte, "foram os duvidosos resultados do gradativo avanço europeu - que por todo o século XVI revelar-se-ia pontual, se levarmos em conta a quase inexistência de estabelecimentos coloniais -, que condicionaram a 'marginalidade' da Amazônia. Deve ficar claro, todavia, que estamos analisando da perspectiva dos europeus. Eles não somente revelaram a si mesmos essas 'margens' - limites - do mundo, mas também, e principalmente, transformaram tais 'margens' em periferia - cultural, econômica e política - de seu universo social." (In: UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI. In PRIORE, Mary Del e GOMES, Flavio (org.). Os Senhores dos Rios. Amazônia, Margens e Histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003, p. 3.)

13 Idem, p. 4.

14 Idem, p. 8.

15 GODIM, Neide. A Invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 79

16 As duas primeiras expedições dirigidas à região amazônica foram comandadas pelos espanhóis Vicente Yáñez Pinzón e Diego de Lepe, ambas em fevereiro de 1500, e introduziram aquela região nos planos de conquista e colonização que a Coroa Espanhola já dirigia no Novo Mundo. Mais de trinta anos depois, a expedição de Alonso de Mercadillo (1538) protagonizou o reinício da exploração daquele espaço, com o objetivo de encontrar metais preciosos e terras férteis. Ver mais em: UGARTE, op. cit.

17 Segundo o relato de Carvajal, os espanhóis do grupo de Orellana encontraram e lutaram com mulheres guerreiras, que identificaram como amazonas: "Estas mujeres son muy blancas y altas, y tienen muy largo el cabello y entrenzado y revuelto a la cabeza, y son muy membrudas y andaban desnudas en cuero, tapadas sus vergüenzas, con sus arcos y flechas en las manos, haciendo tanta guerra como diez indios; y en verdad que hubo mujer de éstas que metió un palmo de flecha por uno de los bergantines, y otras que menos, que parecían nuestros bergantines puerco espín." (CARVAJAL, Gaspar de. Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal... In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. La aventura del Amazonas. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: *História* 16, 1986, p. 65).

18 MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As Relaciones de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). In: Revista de *História*, São Paulo, n. 156, pp. 31-57. 1º semestre de 2007, p. 34.

19 PEDRO, op. cit., p. 36.

20 PORRO, Antonio. As crônicas do Rio Amazonas: tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992, p. 74.

21 BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *Historia do Novo Mundo 2: As mestiçagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 42.

22 Segundo Ortiz de la Tabla, "marañones" foi como Aguirre denominou os componentes da Jornada de Omagua e Dorado. A intuição vem do nome pelo qual os espanhóis acabaram conhecendo o Rio Amazonas após chegada do grupo que, liderado por Gonzalo Pizarro, havia participado da primeira grande expedição europeia a explorar aquela região. In: VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado: Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid: Alianza Editorial, 1987, p. 9.

23 A Guerra das Salinas foi a primeira grande rebelião ocorrida no Peru em um período de quinze anos. Iniciou com inimizades pessoais entre as facções de Francisco Pizarro e Diego de Almagro, mas evidenciava as rivalidades e conflitos entre ricos e pobres, entre os bem assentados e os recém chegados. A guerra civil acabou com a derrota e execução de Almagro em 1538. Por vingança, os almagristas assassinaram Francisco Pizarro em 1541. Ver mais sobre isto em: LOCKHART, James. *El mundo hispanoperuano 1532-1560*. México: FCE, 1982.

24 "Seus efetivos foram inevitavelmente pequenos em relação aos do conjunto da população espanhola das Índias: cerca de 600 encomenderos em Nova Espanha na década de 1540 e por volta de quinhentos no Peru." ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial I*. Vol. 1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998, p. 182.

25 ELLIOTT, op. cit., p. 182.

26 BERNAND; GRUZINSKI. *Historia do Novo Mundo 2*, op. cit., p. 63.

27 ELLIOTT, op. cit., p. 182.

28 PRESCOTT, William. *Historia de la conquista del Perú*. Madrid: Ediciones Istmo, 1986, p. 463.

29 O vice-reinado foi a instituição da Coroa Espanhola mais importante na América. Fundado primeiramente em 1535 no México – compreendendo os territórios da Nova Espanha, Guatemala, as Antilhas e a Venezuela -, se consolida em 1542 ao ser constituído também no Peru. Segundo Salmoral, "el virrey era la representación del rey en su territorio; el dueño de todo aquel enorme patrimonio de tierras y minas. Debía velar para que no mermara su hacienda, evitar la aparición de jurisdicciones señoriales y vigilar celosamente el cumplimiento de la justicia." In: SALMORAL, Manuel Lucena (Coord.). *Historia de Iberoamerica*. Tomo II (*História Moderna*). Madrid: Cátedra, 1992, p. 400.

30 Arch. Nac. de Colômbia. Rs. Céd. Y Ords., tomo XXI, fólhos 456-472. Apud: OTS y CAPDEQUÍ, José María. *Instituciones*. Barcelona: Salvat Editores, 1959, 548p., p. 78.

31 BERNAND; GRUZINSKI. *História do novo mundo*, op. cit., p.562.

32 OTS y CAPDEQUÍ, op. cit., p. 78.

33 PASTOR, op. cit., p. 283.

34 BERNAND; GRUZINSKI. *História do novo mundo*, op. cit., p. 569.

35 ELLIOTT, op. cit., p. 182.

36 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p. 18.

37 SALMORAL, Maria Lucena (Coord.). *Historia de Iberoamerica*. Tomo II (*História Moderna*). Madrid: Cátedra, 1992, p. 492.

38 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p. 18.

39 BERNAND; GRUZINSKI. *Historia do Novo Mundo 2*, op. cit., p. 58.

40 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p. 19.

- 
- 41 SALMORAL, op. cit., p. 492.
- 42 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p.18.
- 43 SALMORAL, op. cit., p. 492.
- 44 ZÁRATE, Agustín de. *História del Perú*. Madrid, 1947, p. 492.
- 45 AIZPURU, Pillar Gonzalbo. Blancos pobres y libertos, los colores de la pobreza. . In: CALVO, Alfredo Castilleo (dir.). *Historia General de América Latina, Volumen III, Tomo 2, Consolidación del orden colonial*. Paris: Ediciones Unesco, Editorial Trotta, 2001, p. 432.
- 46 "Y porque importa lo mucho que teneis entendido que se limpie aquel asiento de la gente perdida y vagamundos que hay en él, os encargo que procuréis, con maña y destreza ir sacando y gastando aquella gente para la guerra y otras ocasiones y conquistas, como os está ordenado, para divertirla allí." Real Cédula dada en Ventosilla, 24 de octubre de 1605 (Konetzke, 1954, II, :18). Apud: AIZPURU, op. cit, p. 432.
- 47 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p. 20.
- 48 VÁZQUEZ, Francisco. *El Dorado: Crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Madrid: Alianza Editorial, 1987, 171p., p. 49.
- 49 SOLANO, op. cit., p. 17
- 50 ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado... In: CARVAJAL, ALMESTO & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: *História* 16, 1986 (Crónicas de América 19), p. 103.
- 51 Idem, p. 104
- 52 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p. 25).
- 53 PASTOR, op cit., p. 288.
- 54 PORRO, op. cit., p. 81.
- 55 ORTIZ DE LA TABLA, op. cit., p.25.
- 56 PASTOR, op. cit., p. 95.
- 57 MIGNOLO, Walter. Cartas, cronicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Inigo (org.). *Historia da literatura hispanoamericana (epoca colonial)* Tomo I. Madrid: Catedra, 1992, p. 70
- 58 MIGNOLO, op. cit., idem.
- 59 Ley vij. Que los descubridores describan su viage, leyendo cada día lo escrito, y firmando alguno de los principales. D. Felipe II. Ordenanza 22 de Poblaciones Recopilacion De Leyes De Los Reynos De Las Indias, Mandadas Imprimir y Publicar Por La Magestad Católica Del Rey Don Carlos II. Tomo Segundo, Quarta impresion. Hecha de órden del Real y Supremo Consejo de Las Indias. Madrid MDCCLXXXXXI. Livro Quarto. Título Primero. De Los Descubrimientos. In: MENENDEZ-PINDAL. Gonzalo. *Imagen del mundo hacia 1570 según noticias del consejo de Indias y de los Tratadistas españoles*. Madrid: Consejo de la hispanidad, 1994. Apud: PEDRO, op. cit., p. 25.
- 60 Distintos expedicionários que participaram da Jornada e presenciaram a conseqüente rebelião nela ocorrida, escreverão, após o evento, as suas versões sobre os fatos ocorridos. Segundo o pesquisador Emiliano Jos, que reuniu e estudou a documentação desta expedição, somam-se nove relaciones sobre ela: a primeira seria a de Pedro Monguía, datada de 27 de outubro de 1561. Após viriam, na sequência, as de Gonzalo Zuñiga, Francisco Vázquez, Pedrarias de Alместo, Toribio de Ortiguera, Custodio Hernandez, Diego de Aguilar y Córdoba e outras duas anônimas (MADERUELO, Rafael Díaz. *Introducción*. In: CARAVAL; ALMESTO; ROJAS, op. cit., pp. 18-22). Neste trabalho, nos deteremos nos escritos de Vázquez e Alместo, deixando a possibilidade do estudo do restante da documentação para uma outra oportunidade.
- 61 MARTINS, op. cit., p. 41.
- 62 PASTOR, op. cit., p. 307.
- 63 MARTINS, op. cit., pp. 42-43
- 64 PEDRO, op. cit., p. 29.
- 65 É importante explicitar aqui que as Relaciones de Vázquez e Alместo são muito semelhantes. Segundo Rafael Díaz, o expedicionário Alместo teria usado como base para seu escrito o relato de Vázquez, acrescentando alguns trechos que, em sua maioria, procuravam ressaltar seu próprio protagonismo nos acontecimentos narrados. MADERUELO, op. cit., pp. 19-20.
- 66 PASTOR, op. cit., p. iii.
- 67 Idem, p. 303.
- 68 CAPOVILLA, op. cit., p. 69.
- 69 PASTOR, op cit., p. 292.
- 70 ALMESTO, op. cit., p. 114
- 71 Idem, p. 118-119
- 72 Idem, p. 134
- 73 Idem, p. 137
- 74 VÁZQUEZ, op. cit, p. 108.
- 75 PASTOR, p. 297.
- 76 ALMESTO, op. cit., p. 139.
- 77 PASTOR, op. cit., p. 301.
- 78 GREENBLATT, op. cit., p. 25
- 79 CERVO, Amado. *Contato entre civilizações. A Conquista da América como serviço de Deus e de Sua Majestade (1442-1548)*. São Paulo Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975, p. 43.
- 80 CERVO, op cit., p. 44.

81 Horts Pietschmann, por exemplo, ao citar a insubordinação de Pizarro e Aguirre afirma que "las rebeliones de Hispanoamérica hasta muy poco antes de 1808, siempre se habían desarrollado bajo el lema 'viva el rey y muera el mal gobierno', lo cual demuestra el respeto a la autoridad suprema y soberana del Rey". (PIETSCHMANN, Horts. El ejercicio y los conflictos del poder en Hispanoamérica. In: CALVO, op. cit., p. 671.)

82 PASTOR, op. cit., p. 309

82 Idem, p. 323.

## Referências Bibliográficas

AIZPURU, Pillar Gonzalbo. *Blancos pobres y libertos, los colores de la pobreza*. In: CALVO, Alfredo Castilleo (dir.). *Historia General de América Latina*, Volumen III, Tomo 2, Consolidación del orden colonial. Paris: Ediciones Unesco, Editorial Trotta, 2001. pp. 429-442.

ALMESTO, Pedrarias de. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la Jornada de Omagua y Dorado que el gobernador Pedro de Ursua fue a descubrir por poderes y comisiones que le dio el visorey Marqués de Cañete, desde el Pirú por un río que llaman de Amazonas, que por otro nombre se dice el río Marañón el cual tiene su nacimiento en el Pirú, y entra en el mar cerca del Brasil. Trátase asimismo del alzamiento de don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y de las crueldades de estos perversos tiranos. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO, P. & ROJAS, A de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: Historia 16, 1986. 253 p. (Crónicas de América 19).

BENASSAR, Bartolomé. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In: NOVAES, Adauto (org). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 83-93.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do novo mundo 2: as mestiçagens*. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: EDUSP, 2006, 819 p.

BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. *História do novo mundo: da descoberta à conquista, uma experiência européia (1492-1550)*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: EDUSP, 1997. 704 p.

CARVAJAL, Gaspar de. Relación que escribió Fr. Gaspar de Carvajal, fraile de la orden de Santo Domingo de Guzmán del nuevo descubrimiento del famoso Rio Grande que descubrió por muy gran ventura desde su nacimiento hasta salir a la mar, con cincuenta y siete hombres que trajo consigo y se echó a su ventura por el dicho río, y por el nombre del capitán que le descubrió se llamo el Río de Orellana. In: CARVAJAL, G.; ALMESTO P. & ROJAS, A. de. *La aventura del Amazonas*. Ed. de Rafael Díaz. Madrid: História 16, 1986. 253 p. (Cronicas de America).

CERVO, Amado. *Contato entre civilizações. A Conquista da América como serviço de Deus e de Sua Majestdade (1442-1548)*. São Paulo Editora McGraw-Hill do Brasil, 1975, p. 213.

ELLIOTT, J. H. A conquista espanhola e a colonização da América. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina: A América Latina Colonial I. Vol. 1*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 1998. pp. 135-194.

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 262 p.

GONDIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994. 277 p.

GREENBLAT, Stephen. *Possessões Maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. Trad. de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 1996. 193 p.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Descobrir e redescobrir o Grande Rio das Amazonas. As *Relaciones* de Carvajal (1542), Alonso de Rojas SJ (1639) e Christóbal de Acuña SJ (1641). In: *Revista de História*, São Paulo, n. 156, pp. 31-57. 1º semestre de 2007.

MATAMORRO, Blas. *Lope de Aguirre*. Madrid: Ediciones Quorum, 1987, 155 p. (História 16).

MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: MADRIGAL, Luis Inigo (org.). *Historia da literatura hispanoamericana (epoca colonial)* Tomo I. Madrid: Catedra, 1992, pp. 57-103.

O'GORMAN, Edmundo. *A Invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. Trad. de Ana Maria Martinez Corrêa e Lelo Manoel Bellotto. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. 218 p.

OTS y CAPDEQUÍ, José Maria. *Instituciones*. Barcelona: Salvat Editores, 1959, 548 p.

PASTOR, Beatriz. *Discursos narrativos de la conquista: mitificación y emergencia*. 2. edição. Hanover: Ediciones del Norte, 1988. 465 p.

PEDRO, Juliana de Castro. *Embates pela memória: narrativas de descoberta nos escritos coloniais da Amazônia Ibérica*. 2006. 124p. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [2006], p. 22. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp008079.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2006.

- 
- POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru, SP: EDUSC, 2003. 444 p.
- PORRO, Antonio. *As crônicas do rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 221 p. (História14)
- PRESCOTT, William. *Historia de la conquista del Perú*. Madrid: Ediciones Istmo, 1986. 642 p. (Serie Mundus Novus).
- SALMORAL, Manuel Lucena (coord.) et al. *Historia de Iberoamérica*. Tomo II (História Moderna). Madrid: Cátedra, 1992. 771 p.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no Imaginário Europeu do Século XVI. In PRIORE, Mary Del e GOMES, Flavio (org.). *Os Senhores dos Rios*. Amazônia, Margens e Histórias. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. pp. 2-31.
- VÁZQUEZ, Francisco. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que fue a descubrir el Gobernador Pedro de Ursua, con poderes y comisiones que le dio el Virrey Marqués de Cañete Presidente del Peru. Tratase, asimismo, Del alzamiento de Don Fernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos. In: \_\_\_\_\_. *El Dorado: crónica de la expedición de Pedro de Ursua y Lope de Aguirre*. Introducción y notas de Javier Ortiz de la Tabla. Madri: Alianza Editorial, 1987. 171 p.

\* Artigo recebido em maio de 2008. Aprovado em setembro de 2008.